Um “documento da barbárie”* : Os 30 anos do PT e as filosofias da história**

Eide Sandra Azevedo Abreu***

Resumo: No texto são retomadas reflexões feitas por Walter Benjamin nas teses “Sobre o conceito da história”, com o objetivo de destacar o profundo significado político da alusão que a elas foi feita em artigo comemorativo dos 30 anos do Partido dos Trabalhadores.

Palavras-chave: Memória, História a contrapelo, Walter Benjamin, Partido dos Trabalhadores.

Walter Benjamin nos legou, em seu último escrito, publicado após sua morte, em 1940 (GAGNEBIN, 1987, p. 7), as famosas teses “Sobre o conceito da história”, reflexões que nas últimas décadas têm ajudado a ampliar as nossas possibilidades de pensar a prática política e o modo como ela está imbricada em nossas concepções da história, inspirando com isso trabalhos dos mais frutíferos de pesquisa do passado.

Refiro-me especialmente aos certos e profundos questionamentos do autor à concepção progressiva da história, que se fazia presente nas formulações da social-democracia alemã da época (GAGNEBIN, 1987, p. 8), e que entre nós ainda parece prevalecer, nos discursos pronunciados a partir das mais variadas posições políticas imediatas, dentro e fora da universidade. Benjamin explicita o compromisso dessa concepção com os dominantes, com os vencedores da luta passadas e presentes, e propõe a elaboração de uma história “a contrapelo”, isto é, de uma história que busque no passado a experiência dos vencidos, transformada

em ruínas pelas forças destrutivas do progresso.

As teses de Benjamin, além do seu conteúdo, impressionam pela beleza. Como a de número 9, muito célebre, em que o autor lembra um quadro do pintor Paul Klee, para representar a posição do historiador materialista frente à marcha do progresso:

“Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que

chamamos progresso.”
(BENJAMIN, 1987, p. 226)

Em contraposição à “tempestade”, escrever a história sem comprometer-se com os dominantes implicaria atentar para os projetos e esperanças que foram derrotados e esquecidos:

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso que dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. (...)” (1987, p. 223)

Essa reflexão de Benjamin é extremamente importante porque abre nossas perspectivas para pensar numa relação com o passado que não seja a de empatia com os vencedores. Chama a atenção, justamente, para a existência de aspectos relegados, esquecidos, que precisam ser resgatados, tendo em vista a criação da possibilidade da emergência de experiências que não sejam a repetição da dominação.

Trata-se, essa concepção, de um momento dos mais refinados e alentadores do pensamento político. Por isso foi com indignação que vi o modo depreciativo com que foi instrumentalizada recentemente, num artigo publicado para celebrar o aniversário do Partido dos Trabalhadores. Declarações e atuações surpreendentes não são, é claro, uma novidade nas biografias das lideranças petistas nos últimos tempos. Mas não deixam de inquietar, quando atingem coisas que são muito preciosas.

Foi revoltante a desfaçatez de um dos argumentos de que lançou mão Marco

Aurélio Garcia, Assessor Especial de Política Externa de Lula e então vice-presidente do PT, no artigo “PT, entre o passado e o futuro”, que publicou na *Folha de S. Paulo* do dia 7 de fevereiro passado (caderno Brasil), com o intuito de, segundo ele, fazer uma reflexão, no contexto do aniversário de 30 anos do partido. Voltando-se contra os críticos ao governo, que persistiriam no uso de “paradigmas teóricos ultrapassados”, Garcia cita um trecho de texto de sua própria autoria, publicado há 15 anos, em que expôs com toda a clareza a opção pela posição de vencedor, na história. E para isso recorreu, de maneira pejorativa, a termos ligados à concepção de “história a contrapelo”, de Benjamin. Eis a passagem do artigo de Garcia:

“Há exatamente 15 anos, aqui nesta mesma *Folha*, escrevi: ‘Para que o PT não seja apenas um ‘caco da história’ no ‘amontoado das ruínas’ republicanas a ser resgatado futuramente na história dos vencidos, é necessário que ele aprenda hoje com seus erros, (re) pense o Brasil e assuma não só com vontade, mas também com lucidez, a sua vocação de poder.’”
(GARCIA, 2010)

O trecho do artigo causa impacto, pela ausência de disfarces. Pensando com vagar, essa ausência é até compreensível hoje, já que estamos no final do segundo mandato de Lula, e a tal “vocação de poder” já se mostrou, de diferentes formas, aos olhos de todos. Mas causa estranheza que o autor tenha usado da mesma franqueza há 15 anos, como sugere o seu artigo deste ano. Por isso vale a pena ir ao texto anterior, escrito no início do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso (alguns meses depois, portanto, da segunda derrota de Lula em eleições presidenciais). Podemos ver que a frase

citada agora de fato está lá. Mas ela se mistura com outras em que se encontram idéias segundo as quais o partido estaria preocupado com a emancipação dos “de baixo”, em contraposição às “elites”. Um pouco depois do trecho citado, há o seguinte, em que o autor recorre até à imagem da escravidão, para dar mais força à idéia de busca de “emancipação social e nacional” futura, com a “solução” de problemas que remontariam ao século XIX:

“[O partido] Deve sofisticar sua proposta sem esquecer que a modernidade, por tantos invocada, não eliminou as mazelas da exclusão provocada por uma elite que, há pouco mais de cem anos, combinou liberalismo com escravidão e disto não se arrependeu.

A agenda petista revela os desafios que o partido tem pela frente: construir um projeto nacional quando a ‘globalização’ não é só astúcia da razão conservadora, mas realidade tangível.

Articular as mudanças que um século 21 prematuramente iniciado exige, com a solução de um amplo contencioso social, resultante de problemas pendentes do 20 e do 19. Sem renunciar suas sólidas bases no Brasil organizado, buscar sensibilizar o Brasil excluído para construir a emancipação social e nacional.

Compreender que a construção nacional e a emancipação social e política dos ‘de baixo’ exige inteligência e flexibilidade nas alianças, questão complexa diante do risco de perder a identidade.” (GARCIA, 1995).

Antes do trecho que viria a citar 15 anos depois, Garcia escreveu o seguinte:

“Uma sociedade exasperada pela pobreza e pela inflação preferiu [ao eleger FHC] a estabilidade da moeda, com toda transitoriedade que pudesse ter, à ruptura democrática que Lula havia proposto em 89 e reiterava em 1994.

Mas é indiscutível que o país mudou e que na raiz desta mudança esteve o PT. Entregando poucos anéis para não perder os dedos, o establishment encontrou em um intelectual brilhante, disposto a pactuar com o demônio, a única alternativa para enfrentar o novo.” (GARCIA, 1995)

Como se pode facilmente notar, juntamente com a afirmação de “vocação de poder”, era feita, para não perder a adesão dos “de baixo”, a associação do PT com a “emancipação social”, o “Brasil excluído”, “o novo”, e parece que até com Deus, já que o autor afirmava que o “demônio” estaria pactuado com o adversário. Em 2010, tantos penduricalhos podem ser dispensados, e pode ser feita a afirmação com menos disfarce. A “questão social” aparece agora mais rapidamente, e chega a ser colocada como o “tema da desigualdade social” – que juntamente com o da “democracia política” e o “de uma política externa soberana”, estariam sendo enfrentados pelo PT, com seus aliados.

A vantagem da desfaçatez é que facilita o trabalho da crítica, já que esta não precisa deter-se por muito tempo em busca de ocultações produzidas no discurso. No seu texto recente, Garcia reafirma com clareza que sua afinidade é com os vencedores. É o tipo de identificação que, para Benjamin, a crítica precisa combater, caso não queira participar do “cortejo triunfal” da dominação, que liga os dominantes do presente aos do passado, produzindo “despojos” que são “documentos da

barbárie”. Vale a pena retornar às suas antológicas palavras, que são um marco da filosofia política, e que continuam a inspirar:

“(…) Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.” (BENJAMIN, 1987, p. 225)

A singularidade do discurso do assessor da presidência residiu em que, em 1995, fez uma projeção da empatia com os vencedores para a posteridade. Naquela época, projetou o seu próprio presente como um pretérito do futuro, isto é, como um passado que viria a ser lembrado depois pelos historiadores. Nesse procedimento de imaginação, lançou na lama uma perspectiva histórica que é provavelmente a mais densamente democrática já formulada,

pois afina a percepção para descobrir pontos de vista e experiências não dominantes no presente e no passado, abrindo o horizonte do futuro para a possibilidade do novo.

É a própria possibilidade do novo que fica soterrada, na perspectiva defendida na fala de Garcia, que produz, com seu texto, um eloqüente “documento da barbárie”.

Contra ele, vale resgatar, mais uma vez, as palavras do próprio Benjamin, na tese (número 4) em que explicita com maior clareza –como destaca Jeanne Marie Gagnebin (2008)- a possibilidade de uma relação redentora com o legado do passado:

“A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionam sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas.” (BENJAMIN, 1987, p. 223-224).

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Obras Escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.* Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.* Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 7-19.

_____. Documentos da cultura: documentos da barbárie. *Ide (São Paulo)*. [online]. jun. 2008, vol.31, no.46, p.80-82. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100014&lng=pt&nrm=iso> Consultado em 4 de abril de 2010.

GARCIA, Marco Aurélio. PT – 15 anos. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 10 de fevereiro de 1995.

_____. PT, entre o passado e o futuro. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 7 de fevereiro de 2010.

* As aspas são sempre usadas, neste artigo, para indicar que se trata de palavras ou expressões retiradas dos textos citados. Em nenhum momento as utilizo para suavizar o sentido do que está escrito.

** Uma primeira versão deste texto foi publicada em 07 de fevereiro deste ano no meu blog, disponível neste endereço: <http://www.eideabreu.zip.net>

*** **EIDE SANDRA AZEVEDO ABREU** é mestre em Sociologia e doutora em História; professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.